

POÉTICAS DO DESTERRO: MEMÓRIAS ANCESTRAIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

POLLIANNA DE FÁTIMA SANTOS FREIRE

Universidade de Brasília

RESUMO: Este artigo discute, a partir da análise dos romances *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus, e *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, a relação entre memórias ancestrais e o surgimento de uma tradição literária de autoria feminina afro-brasileira compreendida como poéticas do desterro. Carolina Maria de Jesus representa, no século xx, uma tradição literária inaugurada no século xix e que vem se consolidando no século xxi com escritoras como Conceição Evaristo que, assim como suas antecessoras, é expoente de uma tradição literária cuja principal característica são as memórias ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; memórias ancestrais; tradição literária; poéticas do desterro.

POETICS OF EXILE: ANCESTRAL MEMORIES AND LITERARY TRADITION

IN CAROLINA MARIA DE JESUS AND CONCEIÇÃO EVARISTO

ABSTRACT: The aim of this paper is to discuss, based on the analysis of Carolina Maria de Jesus' novel *Diário de Bitita* (1986) and of Conceição Evaristo's *Becos da Memória* (2006), the relationship between ancestral memories and the emergence of a literary tradition of Afro-Brazilian female authorship, characterized as a poetics of exile. From this perspective, I argue that Carolina Maria de Jesus represents, in the 20th century, a literary tradition inaugurated in the 19th century, by Maria Firmina dos Reis, and which has been consolidating itself in the 21st century with writers such as Conceição Evaristo who, like their predecessors, are exponents of a literary tradition whose main characteristic is ancestral memories.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Conceição Evaristo; ancestral memories; literary tradition; poetics of exile.

INTRODUÇÃO¹

A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. [...] A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.

CAROLINA MARIA DE JESUS (1960: 147)

Carolina Maria de Jesus foi a primeira escritora que, quando da sua publicação *Quarto de despejo*, colocou em evidência a obra de uma mulher negra e pobre nos círculos letrados brasileiros. Nesse sentido, seu nome pode ser pensado, hoje, mais de cinquenta anos depois daquela primeira publicação, como o da escritora que inaugurou uma fase da literatura de autoria feminina no Brasil que abriria portas para que outras mulheres negras reivindicassem um possível espaço no cenário da produção literária nacional. Diferentemente das publicações de sua antecessora mais famosa, Maria Firmina dos Reis — escritora, poeta e compositora, que só foi resgatada mais de 100 anos após a publicação do seu romance *Úrsula*, em 1859, considerado, de acordo com Norma Telles, o primeiro romance de autoria feminina brasileiro — a obra de Jesus, que inclui romances e poesia, representou um momento de tensão no campo literário do país, até então, dominado pelas vozes de escritores homens brancos e de classe média alta. Nesse período, em que as poucas escritoras promissoras que transitavam pelo círculo letrado, a exemplo de Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, também eram brancas e de classe média alta, Carolina Maria de Jesus marca o início de uma pro-

¹ Como neste artigo abordo as obras de duas escritoras afrodescendentes, esclareço que, antes de ingressar na pós-graduação na UnB, devido a limitações de perspectiva social, a categoria raça, diferentemente de categorias como classe e gênero, não era uma questão para mim. Atualmente, no processo de conscientização sobre os múltiplos mecanismos de opressão e violência a que são submetidas cotidianamente as pessoas pertencentes à raça negra no Brasil, deixo claro que reconheço os meus privilégios sociais decorrentes do fato de eu ser uma mulher branca.

dução literária que dá visibilidade às minorias que habitam as favelas e levanta uma discussão que envolve raça, classe e cultura que, se até hoje é obscurecida pela opinião pública, naquela época era completamente invisibilizada.

Com Carolina Maria de Jesus, surge, em 1960, um tipo de literatura que, produzida literalmente nas margens, traz no bojo do seu romance de estreia uma denúncia contundente dos valores de uma sociedade que, nos termos da escritora, tem a cidade como a «sala de visita» e que transforma a favela em seu «quarto de despejo». Primeira obra da escritora, *Quarto de despejo*, que foi iniciado na favela do Canindé em meados dos anos de 1950 quando ela escrevia, em folhas e cadernos velhos resgatados do lixo, o diário de sua vida miserável como mãe solo habitante de uma favela, é uma produção literária e simbólica que, além de pensar, também toca às margens, pois representa, por meio de um realismo desconcertante, as minorias que vivem, sobretudo nas periferias urbanas, e que simbolizam as fraturas do nosso processo de formação social. Nesse sentido, o romance aponta principalmente para a desigualdade social, que é a pior consequência do legado colonialista para os habitantes de um dos últimos países a abolir a escravidão e que continua como a base mantenedora do atraso do Brasil, afetando drasticamente a vida desses grupos minoritários, vítimas preferenciais do racismo, da exclusão e do preconceito. Nessa obra, a escritora consegue representar o universo da pobreza e da discriminação com a perspicácia de quem consegue condensar e problematizar intuitivamente a questão das diferenças e das minorias.

Já na capa do seu *Quarto de despejo*, cujo subtítulo é *Diário de uma favelada*, se anuncia o tom da obra: a autora se alimentará da sua própria miséria humana e das fragilidades do seu grupo social, os demais favelados, para escrever seu diário, ou compor o enredo que, como salientado anteriormente, denota como a pobreza e suas decorrentes violências literais e simbólicas é, em amplo aspecto, espaço de interdição. As memórias de Carolina Maria de Jesus são suficientes para explicitar grande parte dos problemas inerentes a um país colonizado, marcado, por conseguinte, pela exclusão, pela miséria, pela violência, pela crimi-

nalidade e pelo preconceito. Entretanto, apesar de ter sido sucesso de público e de venda, a trajetória literária dessa escritora logo ficou estagnada, já que a mídia e a crítica literária da época rechaçaram seus três romances subsequentes, *Casa de Alvenaria*, de 1961, e *Pedaços de Fome e Provérbios*, de 1963, e a condenou ao esquecimento. O valor literário das obras da escritora, que havia sido traduzida para mais de dezesseis idiomas, despertou, à época, a desconfiança dos segmentos mais conservadores do círculo letrado brasileiro, o que fez que o campo literário brasileiro perdesse tanto do ponto de vista teórico e político quanto no quadro dos estudos literários e da cultura do país.

No entanto, o que me interessa discutir neste artigo é que, para além do valor literário da obra de Carolina Maria de Jesus, outro legado significativo da escritora foi, sem dúvida, ter feito ecoar as vozes dos oprimidos e marginalizados e inspirado uma geração inteira de mulheres e escritoras negras que, na sua esteira, fizeram e fazem da literatura um instrumento político de resistência e/ou militância. Nesse sentido, destaca-se a importância das suas obras para representar e inspirar outras mulheres negras e pobres como Joana Josefina Evaristo, mãe de Conceição Evaristo que, ao ler a escritora mineira radicada em São Paulo, se deu conta de que os subalternos, em alguma medida, também podiam falar. Sobre o fato de a obra de Carolina Maria de Jesus ter chegado a favelas de outros estados e inspirado mulheres na mesma condição da escritora, Evaristo conta que sua mãe leu e se identificou com o *Quarto de despejo* e que, para ela, Jesus criou, assim, uma tradição literária. Assim, da mãe Joana que desenhava no chão, que inventava histórias e recolhia nas ruas livros e revistas para as filhas e que se viu representada no livro de Carolina Maria de Jesus, Maria da Conceição Evaristo de Brito herdou o interesse pela palavra, falada e escrita, e, desde criança, foi tomando consciência sobre as interseções de classe, raça e gênero que perpassavam as suas vivências. Quando se tornou adulta, encarou, em seus próprios termos, a pobreza como um lugar fundamental de aprendizado, ressignificou sua experiência de mulher, negra e pobre e transformou-a em palavra-resistência, tornando-se a escritora Conceição Evaristo, que não se esquivava em declarar em textos e entre-

vistas que sua condição de mulher negra marca a sua escrita de forma consciente.

Essa escritora vem produzindo literatura ininterruptamente há mais de 30 anos. No entanto, somente há quinze anos as suas obras começaram a ser publicadas individualmente e se tornaram, além de objeto de leitura, foco da crítica literária que se constrói, sobretudo no Brasil, nas academias mais progressistas. A trajetória literária da escritora iniciou-se em meados dos anos de 1980 quando escreveu seu primeiro romance, *Becos da Memória*, que ficou guardado durante 20 anos e só foi publicado em 2006. Nesse ínterim, a primeira publicação de seis poemas da escritora ocorreu, de fato, em 1990, nos *Cadernos Negros*, organizado pelo grupo Quilombhoje, idealizado e coordenado por um grupo de escritoras e escritores negros. A partir de 1990, Conceição Evaristo, ao lado de outras escritoras como Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, passou a contribuir sistematicamente com as publicações do coletivo literário e, de acordo com Cuti em seu artigo «Conceição nos *Cadernos Negros*», torna-se uma incentivadora da participação de mais mulheres na coletânea. No ano seguinte, em 1991, a escritora publicou dois contos, «Di Lixão» e «Maria», textos que, conforme argumenta Cuti, trazem, como característica da narrativa evaristiana, «a presença dos pobres e miseráveis como personagens e referências poéticas humanizadas» (Cuti 2017). Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), sua primeira publicação independente ocorreu somente em 2003, com o romance *Ponciá Vicêncio*, cuja primeira edição foi custeada pela própria escritora. Na esteira desse primeiro romance, veio *Becos da Memória*, o livro que havia ficado engavetado durante 20 anos e que foi publicado em 2006. A autora ainda publicou as coletâneas *Poemas da Recordação e outros movimentos*, em 2008; *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, em 2011; *Olhos D'Água*, em 2014; por fim, o livro de contos e novela, *Histórias de Leves Enganos e Parecenças*, em 2016; e *Canção para Ninar Menino Grande*, em 2018.

As personagens das obras de Conceição Evaristo geralmente são mulheres e, desde as suas primeiras publicações, a escritora vem proble-

matizando, por meio dos conflitos em que se encontram submetidas essas personagens, temas relacionados a memória, pobreza, racismo, solidão e preconceito. Ao longo desses quase trinta anos de publicações, a autora vem insistentemente abordando questões que ainda pouco aparecem na literatura de autoria feminina consagrada como, por exemplo, a questão da condição feminina negra e de temas relacionados ao universo negro, como a memória ancestral e a solidão da mulher negra. Já em o seu livro de estreia — *Ponciá Vicêncio* — ela se dedicou à abordagem da temática da memória e das consequências do processo de escravização e da solidão humana. A temática ainda serviu de pano de fundo para *Becos da Memória*, cujo enredo centra-se no olhar da menina Maria-Nova sobre o processo de desfavelamento do local onde ela e sua família moravam em Belo Horizonte. Ademais, outro ponto alto da obra evaristiana reside no fato de que, ao longo da leitura, percebemos que elas não são falsas sociologicamente nem perniciosas ideologicamente, pois atuam como meio de denúncia social e focam nos discursos dessas minorias para fortalecê-las, o que se deve, por sua vez, ao compromisso da escritora com seu lugar de fala.

Com relação ao conceito de lugar de fala, parto das ideias contidas no livro *Lugar de Fala*, de Djamila Ribeiro, no qual a filósofa e escritora explica, a partir de um diálogo com várias teóricas, especialmente teóricas negras, que a origem dessa expressão é imprecisa, mas ela acredita que esse termo tenha surgido a partir da tradição de discussão sobre *feminist standpoint*, diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. Em síntese, Ribeiro argumenta que, nós, pessoas brancas, sempre autorizados a falar, devemos começar a escutar. Com base nas ideias da teórica Grada Kilomba sobre a máscara da escravizada Anastácia, ela esclarece que as pessoas historicamente autorizadas a falar têm dificuldades de ouvir devido ao incômodo que as vozes silenciadas trazem, que ameaçam a zona de conforto, já que «o não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os Outros, enquanto esses Outros permanecem silenciados» (Ribeiro 2017: 78). Lugar de fala pode ser concebido, portanto, como a necessidade de grupos historicamente privilegiados repensar essa auto-

ridade discursiva sobre as experiências e as opressões do outro e começar a aprender a ouvir e a respeitar àqueles que se garantem o direito de romper com os silêncios e, nos termos de Ribeiro, se dispõem a confrontar a norma colonizadora, as relações de poder que, por séculos, desautorizaram as falas de determinados grupos, como o de mulheres negras, a exemplo de escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.

A importância de existirem Carolinas e Marias fazendo ecoar suas vozes no campo literário brasileiro é que elas são representantes de uma literatura produzida das margens e que, especificamente no caso de Conceição Evaristo, que também é crítica literária, denunciam nos seus textos os processos sociais e políticos que privilegiam as relações de dominação masculina e branca tanto na esfera privada, por meio de instâncias de manutenção de poder e controle das mulheres negras, como a relação entre controle dos corpos, cor da pele e subempregos, quanto na esfera pública, por meio do controle do campo literário, como o alijamento de mulheres escritoras do cânone nacional. Como a literatura, por meio da representação, cria condições, nos termos de Rita Terezinha Schmidt, para a produção de uma nova forma de pensar a cultura e o próprio fazer literário, faz-se necessário salientar que a representação das minorias, por meio da literatura produzida pelas próprias minorias, como no caso das literaturas de autoria feminina negra, já começou a trabalhar, de modo sistemático, para romper com os valores que sustentam as relações de domínio, material e simbólico, na sociedade.

DESTERRO: MEMÓRIAS ANCESTRAIS E TRADIÇÃO LITERÁRIA

A nossa escrevivência não pode ser lida como «canções para ninar os da casa grande», mas sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.

CONCEIÇÃO EVARISTO (2005)

No *Diário de Bitita*, publicado pela primeira vez no Brasil em 1986, a escritora Carolina Maria de Jesus narra, principalmente, as suas histó-

rias e as histórias de sua família, uma gente miserável que vive submersa em um mundo de pobreza e discriminação. Os capítulos, cuja tessitura é delineada pelas reflexões da inquieta menina Bitita, são marcados por uma contundente denúncia social das precárias condições de vida de sujeitos pobres e negros no pós-escravização, logo no início do século xx. Já no romance *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, também escrito na década de 1980, mas publicado somente na primeira década dos anos 2000, o enredo, de acordo com entrevistas concedidas pela própria escritora, também é delineado com base nas suas próprias vivências e nas de sua família quando todos moravam na favela Pindura Saia, localizada no bairro Cruzeiro, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ao longo da narrativa, são abordadas as significativas transformações, relacionadas sobretudo à política de desfavelamento empreendidas pelo governo de Belo Horizonte, pelas quais o local passou entre as décadas 60 e 70 do século xx. São dois romances memorialistas, cujo pano de fundo é o desterro, a primeira grande violência simbólica do processo de escravização. Com um lugar de fala bem definido, tanto Carolina Maria de Jesus quanto Conceição Evaristo transformam, nas duas narrativas, experiências em escrevivências, termo cunhado por Evaristo e que, para ela, se refere a uma escrita marcada tanto pela experiência individual quanto a partir de uma memória coletiva. Nesse sentido, são as memórias as principais engrenagens que movimentam — com a sensibilidade de quem carrega, consciente ou inconscientemente, o banzo decorrente do processo de diáspora africana e das suas consequências — as narrativas que compõem uma singular poética do desterro.

Eduardo Assis Duarte, em «O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo», afirma, entre outras palavras, que a narrativa evaristiana está filiada a uma tendência de escrita afrodescendente, visível em *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que mistura «história não oficial, memória individual e coletiva com invenção literária» (Duarte 2006). Para o pesquisador, «a vertente inaugurada por Maria Firmina dos Reis, contemplando o resgate de uma memória coletiva apagada pelo discurso colonial, terá sequência, em seus diversos matizes, na prosa afro-brasileira» (Duarte 2006), passando por escritoras/es como Cruz e Souza,

Lima Barreto, Ruth Guimarães, Carolina Maria de Jesus e, mais recentemente, Oswald de Camargo, Geni Guimarães e Conceição Evaristo, por exemplo. Nessa perspectiva, as poéticas do desterro são compreendidas aqui como um conjunto de narrativas especificamente de autoria feminina negra, com características comuns, que integram uma tradição literária que, na esteira das colocações de Duarte, se inicia com Maria Firmina dos Reis no século XIX, é impulsionada por Carolina Maria de Jesus no século XX e vem se consolidando no século XXI com a produção literária de escritoras negras contemporâneas, a exemplo de Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Aline França, Cidinha da Silva e Jovina de Souza.

Nesse sentido, a denominação² para essa estética muito própria da literatura produzida por mulheres negras foi pensada porque desterro é definido como o lugar para onde vai a desterrada que, por sua vez, é aquela que vive longe da pátria. Logo, são narrativas de mulheres negras que, descendentes de um passado de dor marcado pela diáspora dos povos africanos pela América, recorrem às suas memórias ancestrais para resistir e ressignificar, como sujeitos que permanecem, ainda que simbolicamente, desterrados, as violências decorrentes da expa-

² Esclareço que, consciente de trabalhos que contemplam as obras dessas escritoras cujos títulos remetem aos sentidos dos vocábulos «poéticas» e «diáspora», penso, neste texto, em uma tradição literária que, diferentemente das aventadas e teorizadas «poéticas da diáspora» e «da poética dos resíduos», pela forma como a memória é acionada, pelo espaço que ocupa e pelo modo como são engendradas, é composta por narrativas cujos elementos são característicos das poéticas do desterro, este último compreendido a partir do sentido absoluto do termo «como um lugar para onde vai o desterrado». Não está relacionado ao sentido absoluto de diáspora porque os sentidos dos textos não são pensados como a «dispersão de um povo ou de uma comunidade ou de alguns dos seus elementos», mas, essencialmente, como um lugar simbólico, como a ressignificação, por meio da palavra, das memórias de resistência e de dor do desterrado. Não tem a ver com o processo de separação de um povo ou da sua caminhada, mas dos mecanismos literais e simbólicos que eles desenvolvem para sobreviver longe da sua terra e perpetuar suas memórias ancestrais.

triação e as suas consequências, como o problema da representação dos seus corpos e das suas vivências nas narrativas do colonizador. Essas escritoras registram e ressignificam memórias doloridas — direta e indiretamente as obras têm como pano de fundo as memórias de um Brasil pós-escravização marcado pela desigualdade social e pelo preconceito — e transformam a literatura em um espaço de luta e resistência. Sobre a importância da memória na produção literária de autoria negra, ou seja, dessas memórias que viabilizam essa poética do desterro, compreendida como uma literatura que não só resgata uma memória histórica de dor, mas a memória da resistência, Conceição Evaristo afirma que:

Mesmo quando a gente conta a dor, não contamos só como lamentação. É mais ou menos por esses termos: passamos por tudo isso, mas estamos aqui. E isso, só nós somos capazes de afirmar porque, para os outros, pouco importa estarmos aqui ou não. Eu acho que o texto memorialístico pode trazer um passado de dor, mas traz também uma situação de resiliência: sobrevivemos, inclusive para contar essa memória. [...] Sonegaram a nossa história, sabemos muito pouco da trajetória dos africanos no Brasil. Sabemos muito pouco dessa trajetória de protagonismo. [...] E por isso também a academia tem dificuldade de lidar com nossos textos de memória: assim como nega nosso passado de protagonismo, nega nosso direito à memória. Acho que a literatura é um espaço em que a gente pode reivindicar ou afirmar nosso direito à memória (Evaristo 2017).

Por isso, considerando as dimensões políticas do texto literário tanto de Carolina Maria de Jesus quanto de Conceição Evaristo, essas obras mencionadas, ao lado de outras obras de autoria feminina negra, são pensadas como textos que agregam elementos dessa poética muito particular que se constrói a partir do momento em que, nos termos de Conceição Evaristo, sobretudo as escritoras negras se assenhoram da pena autoral e escrevem suas próprias histórias e, com uma estética muito própria, tornam-se expoentes legítimas do que é concebido, na esteira de Duarte, como uma tradição literária, iniciada no século XIX, mas que vem se consolidando sobretudo por meio das escritoras negras deste

século. A minha hipótese é de que, inaugurada com Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus impulsiona, com sua escrita, um tipo de narrativa que vai dar a tônica das produções literárias de autoria feminina negra ao longo dos anos, como Conceição Evaristo, que, por meio de mecanismos diversos, vêm se consolidando no campo literário brasileiro.

Essas escritoras negras têm em comum com sua antecessora um estilo de escrita intimamente relacionado às memórias ancestrais, assentado, por sua vez, em um movimento de dupla resistência: o primeiro, da memória como espaço de resgate da dor de um passado de escravidão que merece ser lembrado para subsidiar a luta contra interdições resultantes de sua principal consequência, o racismo; o segundo, da memória ancestral como mecanismos de resistência e subsídio para representação ética e justa das vivências, das tradições e da existência de um povo que, ainda no século XXI, é interdito e invisibilizado em espaço simbólicos significativos, como o campo literário. Nesse sentido, observa-se que há uma tendência ao resgate de uma memória ancestral na produção literária de autoria feminina negra, ou seja, das memórias que viabilizam as poéticas do desterro. Ancestralidade é abordada neste artigo, a partir das considerações de Eduardo Oliveira em seu texto «Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira», como algo que transcende um conceito ou uma categoria de pensamento, já que é, na sua perspectiva, uma forma cultural africana recriada no Brasil, ou, como apresenta em seu texto *Epistemologia da Ancestralidade*, principal elemento da cosmovisão africana no Brasil. Para Oliveira, a ancestralidade é um território onde ocorrem diferentes tipos de trocas de experiências, por exemplo, sígnicas, materiais, linguísticas, as quais são fundamentadas na ética e, por sua dimensão ética, é, em si, uma categoria de inclusão. Esta última, definida como um espaço difuso onde se aloja a diversidade, está, nos termos de Oliveira, ancorada, por exemplo, na «experiência negroafricana em solo brasileiro, que mantém e atualiza sua forma cultural seja na capoeira angola, no Candomblé tradicional, na economia solidária das favelas» (Oliveira 2012: 40).

Assim, a ancestralidade é, para Oliveira (2012: 44-45), mais que um conceito ou categoria do pensamento, já que, na sua argumentação, se traduz numa experiência de forma cultural que, devido ao fato de ser experiência, é, em si, uma ética. Nesse sentido, o fundamento ontológico de uma epistemologia antirracista, que tem na ancestralidade africana sua forma cultural privilegiada, é a ideia de que o «Outro é o Mundo», de modo que, segundo ele, na África inventada no Brasil, os escravizados e seus descendentes só sobreviveram porque, nessa perspectiva de que o outro é o mundo, «não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades» (Oliveira 2012: 44). Por isso, para esse pesquisador, como fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem», como «experiência do passado ela atualiza o presente e desdenha do futuro, pois não há futuro no mundo da experiência» e, assim, busca ir «de uma epistemologia marcadamente antirracista para uma ontologia da diversidade. De uma forma cultural abrangente para um regime de signos específico. De uma semiótica abrangente para uma forma cultural de organizar experiências singulares» (Oliveira 2012: 40). Nesse sentido, em *Diário de Bitita e Becos da Memória*, ao recorrer às lembranças dos negros e das negras que amargaram as consequências de um doloroso processo de escravização, Carolina Maria de Jesus, ao evocar a figura do avô ex-escravizado, e Conceição Evaristo, ao dialogar com os tios Totó e Maria-Velha, transformam as memórias dos ancestrais perpetuadas pela tradição oral em matéria para alimentar suas narrativas: a primeira, ambientada nas primeiras décadas do processo de (des)escravização, faz uma apologia à liberdade, ainda que fraturada pela herança colonialista. A segunda, temporalmente um pouco mais afastada dos anos de escravização, traz personagens exímias contadoras de histórias, cujas lembranças são marcadas por violências oriundas do processo de escravização, que deixam para a protagonista Maria-Nova heranças simbólicas, como o banzo que se perpetuava na menina por meio da palavra, já que ela gostava de

[...] por o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que ela traz no peito. Na ferida que ela herdou da Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó,

do Louco Luisão da Serra, da avó mansa, que tinha todo o lado direito do corpo esquecido, do bisavô que tinha visto os sinhôs venderem Ayaba, a rainha. Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera (Evaristo 2013: 90-91).

Na narrativa da primeira escritora, a menina Bitita, que era o apelido de Carolina Maria de Jesus na infância, figura como protagonista do romance cujo enredo é tecido pelos diferentes momentos vividos por ela tanto na pequena cidade do interior de Minas Gerais, Sacramento, quanto em outros lugares para os quais se mudara com a mãe e, por fim, na grande cidade que era promessa de vida melhor, São Paulo. Assim, no final dos anos de 1910, conhecemos a história de uma menina negra, suas impressões de criança, jovem e mulher vítima de estigmas sociais e a realidade dos negros do pós-abolição no Brasil. Esse romance, escrito em um tom de reflexão crítica sobre quem vive às margens da sociedade e em constante desterro — Carolina e sua mãe migram por diferentes lugares em busca de melhores condições de vida —, denuncia diferentes tipos de violências praticadas especialmente contra Carolina/Bitita, criança/mulher que desafiou o *status quo* por ter nascido com o espírito curioso e inquieto e ter transformado a leitura em mecanismo de enfrentamento e resistência a uma vida de miséria. Já na narrativa da segunda escritora, Maria-Nova, menina sensível e curiosa, conta a história da favela onde habitou com sua família desde que nascera até a sua mudança no final da década de 1960. Essa história, a despeito das situações de miséria e violência que perpassa a vida de todos os seus habitantes, é marcada, sobretudo, por valores como amizade e solidariedade, personificados, por exemplo, em personagens como Vó Rita e Bondade.

Ancorada em lembranças de situações de opressão e violência as quais foram submetidos os escravizados e seus descendentes até o final do século XIX, a narrativa denota como esse passado afetou também a vida das gerações que deixaram as senzalas para ocupar as favelas a partir do século XX. Entretanto, a chave de leitura da obra evaristiana é exatamente a grande inquietação da personagem-narradora em relação ao constante desterro a que, principalmente, sua família e seu povo é sub-

metido ainda no século xx, neste caso específico, o desterro impulsionado pela política de desfavelamento. Quais são as diferenças entre a senzala e a favela? Quais são os limites do desterro? Ele deixa de ser menos significativo quando a expropriação se dá na mesma terra? Essas questões são suscitadas na obra *Becos da Memória*, já que até as favelas — ou no caso desse romance, os conglomerados que, embora estejam localizados nas zonas centrais da cidade, são redutos de pobres —, para onde as negras e os negros foram empurrados após a abolição, deixam de ser reduto das minorias excluídas pela sociedade e esquecidas pelo poder público.

Então, a angústia acarretada pelo processo de desfavelamento deve-se a essa constante marcada por um não lugar que persegue os ancestrais de Maria-Nova e que, por conseguinte, despreza sentimentos daqueles que conseguiram transformar um espaço estigmatizado, fruto da crescente urbanização e da ausência de políticas públicas direcionadas, especialmente, aos escravizados após a abolição, em um espaço, nos termos da própria Evaristo, de geografia afetiva. No romance, a favela e seus becos é um espaço que, embora seja marcado pela pobreza, pela violência e pela fome, é humanizado pelo olhar de uma adolescente que consegue compreender, em um contexto de desigualdade social, o valor das lutas de seus antepassados e de sentimentos como solidariedade e amizade. Por outro lado, ainda que a obra de Evaristo valorize os sentimentos nobres que habitavam os corações dos habitantes da favela, ambas as obras são construídas com base em fatos das vivências de um povo cuja vida foi marcada pelo trabalho incessante e pela pobreza. Por isso, esses romances não escapam e não podem ser pensados, em essência, sem considerar sua forma densa, já que se transformam em mecanismos de denúncia contra as violências praticadas, especialmente, contra grupos minoritários.

Nesse sentido, embora não seja matéria utilizada pelas duas escritoras como força motriz dos seus textos, diferentes tipos de violências são uma constante nas vivências das personagens das duas obras. Cada uma a seu modo, representa, nas narrativas, o universo da pobreza e da discriminação com a perspicácia de quem conhece, sobretudo, o racismo como interdição, temática comum às narrativas que compõem as

poéticas do desterro. Em *Becos da Memória*, Maria-Nova narra diversos episódios de violências físicas e simbólicas que são decorrentes, sobretudo, da pobreza, praticadas e sofridas por moradores da favela. Por exemplo, alguns fragmentos se ocupam em descrever passagens que narrram situações de violência como as praticadas por mães que espancam filhos ante o desespero de não terem o que comer e, pior, mais cedo ou mais tarde, terem de deixar a favela; ou pela violência de crianças que, por falta de perspectiva de melhores condições de vida, agridem brutalmente seus próprios amigos, também crianças: «Todos estavam totalmente desestruturados. Havia briga por tudo e, por nada. As coisas mais corriqueiras serviam como ponto de discórdia. [...] O ódio, a amargura, o desamparo que existia em todos, tinham como válvula de escape o próprio irmão» (Evaristo 2013: 211-212).

No que se refere à Carolina Maria de Jesus, ela também reflete, em várias passagens do seu texto, sobre as violências decorrentes do racismo, que vão do assédio dos homens brancos a meninas negras ao assassinato de homens negros pelo simples fato de serem negros, a que as minorias esquecidas no pós-abolição são submetidas constantemente na pequena Sacramento e nos outros lugares por onde passa. Em um desses trechos, por exemplo, ela conta que, por manter o hábito constante da leitura, torna-se vítima de intrigas que culminam em sua prisão e na prisão de sua mãe, local onde passam fome e são espancadas violentamente. Nesse sentido, é notória a atenção que as narradoras dos dois romances volta às personagens pertencentes a sua própria raça e classe social, ou seja, pessoas negras que, assim como a mãe de Bitita, são traumatizadas com a sua condição social, já que são privadas de direitos básicos, discriminadas por grande parte da sociedade e constantemente vítimas de violências:

— Você anda lendo o livro de são Cipriano. Pretende botar feitiço em quem? [...]

— Eu não creio no feitiço, e não tenho o livro de são Cipriano. [...]

O sargento mandou um soldado preto nos espancar. [...] Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as panca-

das. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem comer (Jesus 1986: 178-180).

As duas narrativas, mas sobretudo a de Conceição Evaristo — cujo principal espaço possível para existência física é a favela e os seus becos, e o principal espaço de existência simbólica, não sem resistência, é a pobreza —, também podem ser pensadas a partir das ideias de necropolítica e de necropoder, constantes do ensaio «Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte», de Achille Mbembe, e compreendidos como conceitos que abarcam, em nosso mundo contemporâneo, tecnologias a serviço da morte que visam a destruição máxima de pessoas e, por conseguinte, a criação do que ele chama de «mundos de morte»; estes, em síntese, se caracterizam como formas novas e únicas da «existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o *status* de mortos-vivos» (Mbembe 2016: 146). A favela que Maria-Nova habitou, devido ao processo de desfavelamento, não chegou a se transformar na favela descrita, por exemplo, por Paulo Lins em seu romance *Cidade de Deus*, no qual o escritor narra como se deu o crescimento da violência e o surgimento do tráfico no conjunto habitacional Cidade de Deus, localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, até este se transformar, literalmente, em um espaço de guerra travada entre traficantes pela hegemonia do tráfico de drogas no lugar.

No entanto, a narrativa de Evaristo, embora não represente a favela como a que figura na narrativa de Lins — a qual pode ser compreendida como um tipo de «ocupação colonial tardia» por apresentar, nos termos de Mbembe, as características principais em relação ao funcionamento da formação específica do terror, ou o necropoder —, pode ser pensada, ainda nos termos do pesquisador como um tipo de «ocupação fragmentada»³, já que, dadas às condições de vida que o descaso políti-

³ Para Mbembe, «ocupação fragmentada» assemelha-se «ao urbanismo estilhaçado que é característico da modernidade tardia (subúrbios, comunidades fechadas)» (Mbembe 2016: 137).

co-social impõe à maioria dos habitantes dessas periferias, essas pessoas também assumem, em circunstâncias como as descritas nas passagens das narrativas de Jesus e Evaristo sobre violências, o *status* de mortos-vivos porque habitam, nos termos de Mbembe, um espaço sitiado, no qual as execuções a céu aberto, literais, somam-se a mortes simbólicas, metafóricas. Nesse sentido, quanto às escritoras e suas narrativas, suas personagens, sobretudo Maria-Nova, mesmo vivendo neste promissor estado de sítio, habitando esses «mundos de morte» literais e simbólicos, não foram completamente interditas pela pobreza e conseguiram ampliar suas perspectivas sociais que, em ambos os casos, foram alargadas pelas práticas artísticas acessadas, nos enredos, sobretudo, por meio da literatura.

Bitita, por exemplo, mesmo vivenciando constantemente situações traumáticas de violência e preconceito, se torna resistente a qualquer possibilidade de seguir por outro caminho que não seja conciliar a sua leitura e escrita e o trabalho. No que se refere à Maria-Nova, a avidez pelo conhecimento que nasce do interesse pela narrativa oral, hábito principal dos seus antepassados, e que se concretiza a partir da consciência, nas aulas de história, sobre a desigualdade que afeta sua vida em decorrência de sua condição de descendente de ex-escravizados, faz surgir na narradora o desejo de narrar as vivências do seu povo e, inconscientemente, transformar seu privilégio de saber ler e escrever em potência política e ética que dá voz e direito de representação justa a seu próprio grupo social. Nesse contexto é que me interessa essas narrativas de autoria feminina negra, já que, também como elemento característico das poéticas do desterro, o caráter, por exemplo, dessas narradoras é formado pelas memórias das condições de vida de ex-escravizados. Nos dois romances, além de as protagonistas serem meninas ávidas pelo conhecimento, as personagens que figuram nas suas histórias têm muitas características comuns: mulheres, crianças, homens e jovens negros e negras que pertencem a um universo marginalizado e, desde a infância, amargam as consequências do racismo e da desigualdade social, pior consequência do legado colonialista para os habitantes de um dos últimos países a abolir a escravização: «Emoções confusas tomavam conta

de Maria-Nova [...]. Sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio» (Evaristo 2013: 191-192).

Em síntese, essas duas narrativas, caracterizadas pela singularidade de protagonistas que têm consciência do poder que o sujeito adquire ao dominar mecanismos de leitura e escrita, podem ser entendidas como produções culturais simbólicas que, além de pensar, também tocam as margens, pois representam, por meio de um realismo desconcertante, as minorias que vivem às margens da sociedade, seja em uma pequena cidade do interior no pós-abolição seja em uma periferia urbana, e que simbolizam as fraturas do nosso processo de formação social. Nessa perspectiva, cabe salientar, com base em determinadas questões que são trabalhadas nas duas narrativas, que o realismo, tanto de Carolina Maria de Jesus quanto de Conceição Evaristo, lida com os estereótipos geralmente associados a negros e negras que, mesmo após o processo de desescravização, continuaram, em sua grande maioria, a habitar, geográfica e simbolicamente, locais marginalizados e periféricos na sociedade brasileira, onde seus habitantes vivem em constante estado de sítio, no qual, de acordo com Mbembe, todos são alvos dos soberanos. Por isso, as duas obras ensejam uma reflexão sobre as implicações históricas e culturais que culminaram nas condições subumanas vivenciadas pelos sujeitos representados nos romances bem como implicam pensar como foram trabalhados, nas narrativas, os estereótipos relacionados a esses grupos minoritários.

As obras em questão trazem para a literatura a exposição do real em sua existência nua. A matéria literária é, por um lado, a solidariedade, e, por outro, a pobreza e o preconceito. No que se refere a estes dois últimos, pela forma como são trabalhados, é possível depreender que a vontade de Carolina Maria de Jesus, mas principalmente de Conceição Evaristo era exatamente relacionar, esteticamente, sua produção literária com aquela realidade social. Nas escrevivências, as personagens, interligadas por uma mesma história ou interligadas por uma mesma

condição social, são engendradas, sobretudo, para explicitar a heterogeneidade existente em qualquer comunidade/sociedade. As histórias narradas representam, primordialmente, pessoas que integram uma comunidade heterogênea constituída em grande parte por grupos minoritários que compartilham uma mesma realidade social, o que é mais uma característica das narrativas que se enquadram nas poéticas do desterro. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, ao estabelecer a ponte realidade/literatura, por meio da representação dos problemas que afetam a vida do seu grupo social, conseguem agir, ainda que simbolicamente, sobre a realidade que encenam ficcionalmente e reforçar a luta contra os estereótipos que ainda são legados da colonização e afetam a vida dessas minorias representadas nos romances. Essas estratégias são características de romances que são produzidos em circunstâncias diferenciadas, já que as escritoras pertenceram a esses universos e/ou vivenciaram/testemunharam muitas dessas histórias.

Em suma, a ideia é que, com Maria Firmina dos Reis começa a se fortalecer uma tradição literária edificada com base em um processo de escritura que, principalmente a partir de Carolina Maria de Jesus, vem sendo forjado a partir de experiências, ou lugares de fala, que condensam elementos como desterro, escravização, racismo e que desaguam em uma escrevivência subvencionada por memórias ancestrais. Carolina Maria de Jesus impulsiona uma tradição literária que vem sendo consolidada por escritoras como Conceição Evaristo e que é marcada por esses elementos que, comuns a essas narrativas, as caracterizam como poéticas do desterro: 1) as memórias ancestrais de grupos vítimas da diáspora africana são um recurso que funciona ora tanto como espaço de ruminação da dor quanto como espaço de resistência; 2) o racismo e a desigualdade social são temáticas comuns aos enredos; 3) o desterro é uma constante que marca a vida de personagens centrais das tramas; 4) há a valorização, em diferentes contextos, da tradição oral e de manifestações artísticas ancestrais; 5) as escritoras, ao reivindicar seu direito de narrar as suas experiências e a dos seus ancestrais, colocam em circulação textos que, produzidos em circunstâncias diferenciadas, são marcadamente políticos, já que essas escritoras transcen-

dem o silêncio e marcam seus locais de fala fazendo que a literatura funcione como potência política e ética capaz de servir como instrumento real de intervenção e denúncia dos aspectos marginais, da violência e da miséria que caracterizam a vida das pessoas representadas nas obras. Por isso, *Diário de Bitita* e *Becos da Memória*, cujos enredos são ancorados em memórias ancestrais, são exemplares para esclarecer o que compreendo aqui como romances pertencentes às poéticas do desterro, os quais se referem, como explicado anteriormente, a narrativas de autoria feminina negra que funcionam como potência política e que evocam, por meio da literatura, o direito à memória, seja a de dor, seja a de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUTI (2017). «Conceição nos *Cadernos Negros*». *Programa Ocupação Itaú Cultural – Conceição Evaristo*. São Paulo. [Em linha] [outubro 2018]. <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>.
- DUARTE, Eduardo Assis (2006). «O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo». *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1), 305-308. [Em linha] [outubro 2018]. DOI: 10.1590/S0104-026X2006000100017.
- EVARISTO, Conceição (2005). «Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita». *Nossa Escrevivência*. [Em linha] [novembro 2018]. <<http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>>.
- EVARISTO, Conceição (2009). «Dados biográficos». *Literafro: O portal da literatura afro-brasileira*. [Em linha] [setembro 2019]. <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.
- EVARISTO, Conceição (2009). «Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras», realizado em maio de 2009, na Faculdade de Letras da UFMG. [Em linha] [dezembro 2018]. <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.
- EVARISTO, Conceição (2013). *Becos da Memória*. Florianópolis: Mulheres.
- EVARISTO, Conceição; LIMA, Juliana Domingos de (2017). «Conceição Evaristo: “minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra”». *Nexo*.

- [Em linha] [agosto 2018]. <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>.
- HOUAISS (2009). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- JESUS, Carolina Maria de (1963). *Quarto de despejo*. 7 ed. São Paulo: Francisco Alves.
- JESUS, Carolina Maria de (1986). *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LINS, Paulo (2002). *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MBEMBE, Achille (2016). «Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte». *Arte & Ensaios: Revista do Ppgav/Eba/UFRJ*, 32, 123-151.
- OLIVEIRA, Eduardo David de (2012). «Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira». *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, 18, maio/outubro, 28-47. DOI: 10.26512/resafe.voi18.4456.
- OLIVEIRA, Eduardo David de [s.d.]. «Epistemologia da Ancestralidade». [Em linha] [agosto de 2019]. <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf>.
- RIBEIRO, Djamila (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento; Justificando.
- SANCHES, Pedro Alexandre (2017). «Ocupai, Conceição Evaristo». *Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades*, 8 maio. [Em linha] [outubro 2018]. <<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/17002/ocupai-conceicao-evaristo>>.
- SCHMIDT, Rita Terezinha (1996). «Cânone/ Contra - Cânone: Nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro». Rita Terezinha Schmidt; Tânia Carvalho (ed.). *O discurso crítico na América Latina*. São Leopoldo: Unisinos, 1996.
- TELLES, Norma (2004). «Escritoras, escritas e escrituras». Mary Del Priore (ed.); Carla Bassanezi (coord.). *História das Mulheres no Brasil*. 8.^a ed. São Paulo: Contexto, 401-442.